

Da totalidade como obra de arte à obra de arte como via possível: gnosiológia e filosofia da cultura em Georg Simmel

Vitor Sommavilla de Souza Barros

(vitorsommavilla@hotmail.com)
Aluno do 8º período de Filosofia da UFMG e bolsista do PET-Filosofia

Palavras-chave:
Panteísmo estético; estilo de vida; tragédia da cultura; arte.

Key-words:
Aesthetic pantheism; life style; cultural tragedy; art.

Resumo: Primeiramente, desenvolve-se a noção simmeliana de "panteísmo estético", procedimento através do qual se aborda e se conhece a realidade. Em seguida, expõe-se o que o autor chamou de "estilo de vida", ou seja, a relação específica de cada época entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva, a fim de caracterizar a especificidade da modernidade, em que há preponderância da segunda sobre a primeira (a dita "tragédia da cultura"). Por fim, explicita-se o lugar ocupado pela arte no desenvolvimento cultural apontando seu possível papel na resolução dessa situação trágica dos indivíduos modernos.

Abstract: Firstly, the simmelian notion of "aesthetic pantheism" is debated and understood as the procedure by means of which reality is approached and known. Simmel's conception of "life style", i.e., the relationship, specific to each epoch, between subjective and objective culture, is then explained, in order to characterize the peculiarity of modernity, marked by the primacy of the latter over the former (the so called "cultural tragedy"). Finally, the place occupied by art in the process of cultural development is described as its possible role in the solving of the aforementioned tragic situation of modern individuals is pointed out.

I – Apresentação

A arte ocupa um posto privilegiado no conjunto das reflexões de Georg Simmel (1858-1918). Esse filósofo e sociólogo alemão, associado tanto ao neokantismo de Baden quanto, sobretudo na fase final de sua produção intelectual, à Filosofia da Vida, ao lado de Dilthey e Bergson. Simmel é um autor dotado de extrema sensibilidade, seja ao perceber os detalhes e inflexões que a cidade grande assume (em seu caso principalmente Berlim¹), seja ao incorporar a tradição filosófico-literária alemã, à qual dedicou algumas obras² e cuja repercussão no pensamento simmeliano é notória. De fato, pode-se compreender a empreitada de Simmel como uma tentativa de peculiar conciliação desse aparato reflexivo que lhe vem de Kant, Goethe, o Romantismo Alemão, Nietzsche com a especificidade de seu tempo; tentativa cuja abordagem correta não pode deixar de considerar sua proximidade com Max Weber.

A estrutura bipartida deste escrito procura, em parte, responder a esses dois afluentes da obra simmeliana, na medida em que se volta, primeiramente, para sua gnosiológia, em que se percebe mais claramente um acerto de contas com a tradição, e em segundo lugar, para sua filosofia da cultura, na qual Simmel se debruça mais detidamente sobre o "momento cultural" pelo qual passa a modernidade. Certamente, tanto a tradição se faz presente na interpretação da modernidade, quanto as particularidades do tempo presente são relevantes para a gnosiológia de nosso autor, senão por outros motivos, ao menos pelo fato de as duas dimensões do pensamento de Simmel aqui tratadas

estarem em íntima relação, como se evidenciará adiante.

A obra de arte fará parte das duas dimensões analisadas e se constituirá, dessa forma, como o fator unificador do texto. Por um lado, o procedimento gnosiológico³ de Simmel será chamado de estético, em linhas gerais pela correspondência entre os mecanismos de cognição e contemplação (de uma obra); por outro lado, problemas suscitados pelo desenvolvimento cultural característico da modernidade reconduzirão a experiência estética ao primeiro plano, a obra de arte assumindo agora outra significação, de importância no processo cultural dos sujeitos.

II – Panteísmo Estético

"Só no panteísmo deus está completamente por toda parte, em cada singular" (Novalis)

"O universal e o particular coincidem: o particular é o universal surgido sob condições variadas" (Goethe)

Do ponto de vista gnosiológico, Simmel se insere na tradição panteísta. Trata-se, no entanto, de um panteísmo sui generis de evidente inspiração em Goethe e no Romantismo Alemão⁴. Sua significância particular se enraíza no relacionamento identificado entre as instâncias singulares e universais. Todo o projeto simmeliano pode ser sintetizado na assertiva segundo a qual se deve buscar ver no individual o universal. Como o exprimiu Waizbord:

¹ Cf., por exemplo, o texto de 1903 chamado *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*.

² Simmel possui livros sobre Kant, Goethe, Schopenhauer, Nietzsche, etc.

³ Por procedimento gnosiológico, entende-se o modo através do qual o sujeito adquire conhecimento acerca de um determinado objeto. Um termo alternativo seria cognição. Assim, a gnosiológia é compreendida neste artigo como a área da filosofia que reflete sobre o modo como um sujeito conhece, isto é, sobre sua cognição ou seu procedimento gnosiológico.

⁴ Cf. o livro *Goethe* (1913).

"A cada vez que Simmel se debruça sobre o singular, o contingente, o superficial e o fugaz, ele tem como foco, como ponto de articulação e interseção o conhecimento do todo, do universal (sob o tipo, a essência, a lei)." (WAIZBORT, 2006, p. 76)

De fato, é à lei, ao tipo, à essência, que, por via, respectivamente, do singular, do contingente, do fugaz, que ele pretende aceder. Por detrás da noção de "instantâneos sub specie aeternitatis"⁵, jaz a intenção de congelar algo momentâneo, tomá-lo como atemporal, pois, mantendo a correspondência com a orientação geral de seu pensamento, que tenciona compreender os fenômenos em sua dimensão processual, Simmel ambiciona evidenciar o que há de eterno (pois sempre o há) no contingente, para o que se requer sagacidade no olhar.

O panteísmo prescreve que todas as coisas estão incluídas em deus, o qual emana de todas as criaturas. Igualmente, tudo o que foi criado é o próprio deus ou, em termos mais condizentes com as preocupações de Simmel, a totalidade do mundo se reúne num só ponto⁶. Esse é o traço básico de seu entendimento do mundo. Em uma carta ao escritor e seu conhecido Rainer Maria Rilke. Porém, Simmel interessadamente (desnecessário) distinguirá seu procedimento do panteísmo, como este é comumente compreendido. Comentando a mais recente obra do escritor, ele diz:

"Quero apenas exprimir, enquanto filósofo, o quão interessante me parece a virada do panteísmo que seu livro oferece. O panteísmo, embora talvez constitua a disposição [Stimmung] fundamental de todo artista [Künstlertum], enquanto conteúdo não se deixa formar de modo verdadeiramente artístico, porque ele constitui a negação de cada forma particular. Todas as configurações individuais se desenvolvem no Uno absoluto, perdem seu sentido e razão, porque precisamente isto e aquilo e tudo é apenas deus. [...] Mas neste livro o caminho panteísta corre na direção inversa: não é este, isto ou aquele que é deus – mas sim: deus é este, isto e aquele. O ser divino penetra nas configurações particulares, e encontra nelas a sua vida criativa completa, o singular não se funde em deus e com isso perde sua forma palpável e significativa para si, senão que deus se dissolve no singular e este é, com isso, mantido e intensificado em sua forma particular; o caráter empírico-causal da coisa singular ganha como que uma legitimação transcendente. Esta me parece a única possibilidade na qual o sentimento panteísta se deixa cristalizar imediatamente em obra de arte: não são as coisas que deságuam em deus, mas sim deus que deságua nas coisas." (SIMMEL APUD WAIZBORT, 2006, pp. 77-8)

É esse procedimento que Simmel almeja mimetizar, visto que somente dessa forma não está a singularidade anulada, e se pode nessa perceber o símbolo do todo, do universal. E isso porque a atividade interpretativa é fundamentalmente um decifrar de uma simbologia;

com efeito, o objeto momentâneo da análise, nessa perspectiva, simboliza o todo. Essa dimensão simbólica da interpretação será retomada à frente.⁷

Outra distinção entre o método simmeliano e o panteísmo tout court se faz necessária. De fato, a expressão "panteísmo estético", embora tenha se cristalizado entre os comentaristas, só foi utilizada uma vez pelo autor⁸. Isso parece mostrar sua insatisfação em ver seu pensamento associado ao panteísmo, uma vez que esse se atrela à idéia de substância, uma instância eterna, imutável e fixa, adotada a priori, e que deve ser encontrada, pela depuração do contingente, em todas as coisas; em outras palavras, um panteísmo determinista. Simmel, por outro lado, busca entender o mundo, sobretudo o moderno, conforme a noção de um todo de relações. Por isso, no âmbito de sua teoria da modernidade, exposta no complexo da filosofia do dinheiro⁹, e em diante, ele preferirá nomear seu pensamento de relativismo.

Aqui, retornamos à idéia do singular tomado como símbolo para o conhecimento do todo. "Tudo o que ocorre é símbolo, e na medida em que representa a si mesmo completamente, ele aponta e indica para o restante" (GOETHE APUD WAIZBORT, 2006, p. 84). Apontar e indicar para o restante sugere o caráter marcadamente relacional da gnosiologia de Simmel. Para ele, a unidade (logo o todo) consiste na interação das partes; interação esta, que é uma relação mútua (WECHSELWIRKUNG), infinita. Por conta disso, está sempre o todo em processo, é móvel, "um tecido que se tece continuamente, [...] de relação em relação, o mundo de Simmel torna-se um mundo de relações" (WAIZBORT, 2006, p. 101).

É precisamente a partir dessa compreensão do mundo como mundo de relações que se entende por que a abordagem de Simmel é de natureza estética:

"Talvez o encanto mais profundo da beleza radique no fato de que ela é sempre a forma de elementos que, em si mesmos, são indiferentes e estranhos à beleza, e somente estando juntos uns dos outros é que adquirem valor estético. À palavra isolada, assim como ao fragmento isolado de cor, à pedra, assim como ao som falta o valor estético, e o conjunto formador, que constitui a sua beleza, chega sobre essas singularidades como uma dádiva, que não viria a partir de algo isolado." (SIMMEL APUD WAIZBORT, 2006, p. 103-4)

Na obra de arte, cada um dos elementos que a compõem, tomado isoladamente, isto é, fora de sua estrutura de relações com os outros elementos e com o todo da obra, não possui valor estético (beleza) algum. Pelo contrário, será no interior dessa teia relacional, organizada conforme uma necessidade que constitui a beleza específica da obra em questão, que cada elemento adquirirá sua significação própria, na qual estão contidas todas as relações que esse particular estabelece com os outros elementos constitutivos da obra e com o próprio todo da obra. De fato, na medida em que cada elemento só recebe seu significado em seu relacionamento com o restante e é, por assim dizer, necessário, imprescindível (visto que a configuração do todo

⁵ "Momentbilder sub specie aeternitatis" é como se chama uma série de pequenos textos que Simmel escreveu para a revista *Jugend*.

⁶ Estas reflexões são expostas e desenvolvidas por Simmel, assim com seu posicionamento frente à tradição filosófica, em seu livro de 1900, *Problemas Fundamentais da Filosofia*.

⁷ A idéia de que, em cada particular, é possível perceber um símbolo da totalidade e a associação desta idéia à recepção estética – através do conceito de panteísmo estético – sugerem uma aproximação significativa com o pensamento do historiador da arte Aby Warburg e sua concepção de que "Deus está nos detalhes". Esta pertinente aproximação foi sugerida pelo parecer deste artigo e apenas não será desenvolvida neste artigo por ignorância do autor.

⁸ No ensaio, de 1896, intitulado "Soziologische Aesthetik", estética sociológica. In: *Das Individuelle Gesetz*, 1968, pp. 71-4.

⁹ A obra "Filosofia do Dinheiro", de 1900, e outros textos correlatos.

depende dele), é possível afirmar que, de certa forma, toda a obra se encerra no significado de cada particular.

Será precisamente a esse modelo de contemplação artística que Simmel recorrerá. A adoção dele que tornará possível seu panteísmo estético que, como se mostrou, preocupa-se com a não-abolição do particular pelo universal, por um lado; e entende o mundo como um mundo de relações, por outro. Porém, se no domínio estético a ênfase recai sobre a beleza que se forma pelo efeito mútuo dos elementos, na apreensão do mundo, sobressai a verdade. Ela será entendida como verdade relacional, o que se relaciona com a negação do panteísmo preso à noção de substância, visto que se trata de uma verdade formada circunstancialmente, através da interação particular das partes. Da mesma forma que na análise estética, também, esse método possibilita o mote fundamental da gnosiologia de Simmel: ver no particular o universal. Isso porque, se cada uma das partes está numa teia de relações com as partes restantes e com o próprio todo, interações estas que constituem e dão significado a essa parte bem como às outras com que se relaciona, é possível, dirigindo-se a consideração somente a essa parte componente, desde que entendida adequadamente (isto é, como parte de uma estrutura relacional) apreender o todo, ou a verdade do todo, pois nessa parte particular está condensado todo o restante. Em outros termos, se entendermos que dois elementos dados se constituem em sua relação mútua e se tomarmos um dos elementos mantendo em mente sua constituição relacional, pode-se, somente a partir dele, conhecer o outro, que terá sua constituição determinada pela constituição do primeiro, e assim por diante para todas as partes que compõem o todo do mundo, sem privilégios.

"No que é mais indiferente, que em seu fenômeno isolado nos é banal ou repugnante, nós só precisamos mergulhar profunda e afetuosamente o suficiente para sentir também isto como brilho e expressão da unidade última de todas as coisas, da qual brota sua beleza e sentido." (SIMMEL, 1968, p. 71, trad. nossa)¹⁰

Se no âmbito estético, a atribuição de valor e de sentido pode se dar de forma imediata, na compreensão da totalidade ela depende de um "olhar suficientemente afiado", no qual é posta em ação a faculdade da fantasia. Esta atua intensamente na arte de estabelecer relações. Dados a assistemática do conhecimento defendida por Simmel e evidenciada em sua escrita ensaística, não tratadística, sua concepção de verdade não rígida, mas relacional; e o caráter processual e fugaz da realidade, como ela é entendida por ele, a fantasia se mostrará crucial, pois é através dela, de sua experimentação, que surgem não novos objetos, mas novas configurações de objetos (novas estruturas de relações entre eles, portanto).

Como se verá a seguir, o ponto de vista de Simmel apresentado acima sobre o processo cognitivo permanece como um pano de fundo sobre o qual suas reflexões acerca da cultura moderna podem se desenvolver. Em sua caracterização da Modernidade, ou mais especificamente, da tragédia cultural moderna, Simmel

lança mão explícita ou implicitamente de sua interpretação sobre a experiência cognitiva dos sujeitos diante de seus distintos objetos. Além disso, assim como na gnosiologia a estética (no que diz respeito à beleza bem como à contemplação de obras de arte) exerce um papel elevado, enquanto analogia para o procedimento cognitivo, também na cultura, a produção e a recepção de obras de arte por parte dos sujeitos alcançará uma posição de destaque, ao longo das reflexões simmelianas.

III – Tragédia da Cultura

"Am Land kommen die Götter noch zu den Menschen, [...] man ist jemand und erlebt etwas, aber in der Stadt, wo es tausendmal so viel Erlebnisse gibt, ist man nicht mehr imstande, sie in Beziehung zu sich zu bringen: und so beginnt ja wohl das berüchtigte Abstraktwerden des Lebens." (ROBERT MUSIL, *Der Mann ohne Eigenschaften*)

Feita uma apresentação geral da gnosiologia de Simmel com foco no papel do panteísmo estético, cabe agora voltar-se para o campo da filosofia da cultura, a fim de aquilatar como nosso autor põe em prática sua teoria do conhecimento e, como se perceberá a seguir, a fim de reconhecer o destaque que arte recebe na gnosiologia assim como na filosofia da cultura de Simmel. Quanto a esta última, é essencial compreender o que Simmel chama de cultivação, ou processo da cultura¹¹. De fato, a cultura é definida como "o caminho que sai da unidade fechada, passando pela pluralidade desenvolvida, chegando à unidade desenvolvida" (SIMMEL, 2005a, p. 79). A unidade fechada é a alma, o espírito subjetivo. Esse espírito subjetivo cria suas produções, que são o espírito objetivado, os produtos culturais, que, no agregado, compõem a civilização, a pluralidade desenvolvida. Para que ocorra a efetivação da cultura é necessário que o espírito objetivado retorne ao sujeito para que este o incorpore, se cultive, tornando-se unidade desenvolvida. Em certa medida, trata-se de um processo que já se encontra prefigurado na alma, como se o fim a que esta tende já estivesse nela, enquanto ideal a se realizar.

Dessa forma, os objetos criados pelo espírito possuem, ao menos a princípio, uma dupla relação com o sujeito. Por um lado, são originados dele; por outro, encontram na volta para ele sua finalidade. No entanto, as formações objetivas não se preocupam com a significação cultural (no processo da cultura) que possuem. As duas esferas (subjetiva e objetiva) funcionam com independência, suas lógicas internas de desenvolvimento não coincidem naturalmente. Com efeito, depois de criados, motivos do direito, da arte, da moral (instâncias do espírito objetivado) não se preocupam com exigências de nossa individualidade.

Cada época do desenvolvimento da humanidade, cada cultura, possui uma forma específica de relacionamento entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva. A essa configuração particular, Simmel dará o nome de estilo de vida:

"O estilo de vida como um todo de uma comunidade depende da relação que se estabelece entre a cultura tornada obje-

¹⁰ In *das Gleichgültigste, das uns in seiner isolierten Erscheinung banal oder abstoßend ist, brauchen wir uns nur tief und liebevoll genug zu versenken, um auch dies als Strahl und Wort der letzten Einheit aller Dinge zu empfinden, aus der ihnen Schönheit und Sinn quillt.*

¹¹ As reflexões seguintes têm como ponto de partida o ensaio, incluído na única coletânea de ensaios seus que o próprio Simmel organizou (*Philosophische Kultur*), chamado "O conceito e a tragédia da cultura", traduzido para o português em Souza e Oelze (orgs), 2005a, pp. 77-106.

¹² *The entire life-style of a community depends upon the relationship between the objectified culture and the culture of the subjects.*

tiva e a cultura dos sujeitos." (SIMMEL, 1997, p. 453, trad. nossa)¹²

Nesse ponto, aparece, pela primeira vez, a unidade das considerações da filosofia da cultura com o método gnosiológico exposto acima. De fato, através da noção de estilo de vida, se entende uma configuração histórica de relações entre sujeito e objeto, entre indivíduo e sociedade, entre cultura objetiva e cultura subjetiva.

"O estilo de vida é a categoria que, por assim dizer, "retrata" a realidade de um dado momento, e nesse sentido é um "instantâneo sub specie aeternitatis", embora aqui momento seja um momento em um processo de longuíssima duração, que é o processo da cultura." (WAI-ZBORT, 2006, p. 179)

O que se tem, dessa feita, nada mais é que uma compreensão estética da cultura, aspecto ao qual se retornará mais adiante.

Como o próprio Simmel expõe na última página de seu ensaio sobre o conceito e a tragédia da cultura, está inscrita, no empreendimento mesmo do espírito, a chance trágica da lógica e dinâmica dos objetos afastarem os mesmos de sua finalidade, enquanto intermediários no processo da cultura. O estilo de vida moderno será especialmente caracterizado por esse desenvolvimento autônomo do espírito objetivado, que tem como consequência seu não-retorno ao sujeito para a consolidação de seu cultivo.

Outra dimensão importante quanto a isso, a ser enfatizada em sua teoria da modernidade, exposta no complexo da filosofia do dinheiro, e não em sua filosofia da cultura, privilegiada aqui, é a emergência da economia monetária. De fato, na modernidade, por um lado, o dinheiro, essa entidade maximamente abstrata, converte, não sem perdas, as desigualdades qualitativas entre os objetos que se deixam trocar por ele em desigualdades meramente quantitativas. Por outro, a modernidade, caracterizada pela aceleração da velocidade da vida e multiplicação dos meios disponíveis para alcançar os fins que nos propomos, justamente por esses fatores, assistirá a uma perda dos indivíduos na cadeia de meios que, de tão prolongada que se tornou, provoca o esquecimento dos fins a que se visava inicialmente e a transformação dos meios em fins, passando o dinheiro (esse meio por excelência) a ser almejado como fim em si mesmo. Essa transformação dos meios em fins, embora esteja relacionada com ele, não coincide com o processo de desenvolvimento autônomo da cultura objetiva, pois é algo puramente psicológico, uma acentuação a partir de necessidades da alma, que não possui relação com a coerência objetiva das coisas, como no caso da lógica iminente das configurações culturais das coisas.

De volta ao auto-isolamento dos objetos, é importante compreender onde se encontra a origem da propagação desse fenômeno na modernidade. Simmel a situará na divisão do trabalho. Esta faz com que haja um desprendimento do produto com relação ao produtor. O produto realizado segundo a lógica da divisão de trabalho é uma unidade que, contudo, não possui um produtor, não se origina de uma correspondente unidade de um sujeito anímico. E se o processo cultural era entendido como uma corrente de sujeito, passando por objeto, retornando ao

sujeito, uma teia de relações, com o isolamento do objeto, o todo de relações se rompe, pois estando o objeto independente de seu fim original, tornando-se ele mesmo um fim, ele "não mais precisa relacionar-se naquela 'corrente' e ganhar sentido a partir dela. Não mais relacionar-se: assim, o todo, de natureza estética, se perde." (WAI-ZBORT, 2006, p. 126). Isto é, aquela mesma unidade como relação das partes, que o panteísmo estético adotou acima como método, é desrespeitada pelo desenvolvimento autônomo do espírito objetivo, o que, como se mostrará, terá como consequência uma situação trágica, para o homem moderno.

Esse desenvolvimento autônomo dos objetos é trágico por dois motivos. Primeiro, porque sendo os produtos não mais originados de uma unidade anímica, eles podem se multiplicar ininterruptamente, pela infinita possibilidade de combinações das contribuições dos sujeitos para a formação do produto autônomo. Como esses produtos guardam, porém, sua condição de espíritos objetivados e, portanto, de estágio intermediário no processo do cultivo, o sujeito permanece com a ambição de abarcá-los de volta em si. Isso, no entanto, é tarefa impossível, visto que se trata de tentativa do limitado (o sujeito) abraçar o ilimitado (esses objetos autônomos em sua infundável pluralidade). Por outro lado, é trágico porque, enquanto objetos que não foram plasmados por uma unidade anímica, esses produtos da divisão do trabalho não possuem a carga anímica que os torna passíveis de serem introjetados no sujeito, no intuito de cumprir a finalidade cultural, para a qual deveriam tender.

A divisão do trabalho tem mais uma consequência maléfica: ela acarreta a especialização. O que ela exige do trabalhador não contribui para a "formação e enriquecimento da personalidade, para uma 'configuração harmônica do eu' [...] ela contribui para uma 'configuração dilacerada e fragmentária do eu'" (WAI-ZBORT, 2006, p. 180). Essa potenciação de somente uma dimensão de nossa vida, reprovada como consequência da divisão do trabalho, encontra sua formulação, na modernidade, no campo da história da arte, no fenômeno da "arte pela arte"¹³. Os defensores dessa concepção intentam isolar a arte da relação que possui com os outros âmbitos da vida, procedimento julgado por Simmel tão inadequado quanto decompor uma obra de arte em seus elementos e tentar compreendê-los isoladamente. Isso vale para todos os domínios, o desenvolvimento de um âmbito de nossas vidas deve ser levado adiante concomitantemente com o desenvolvimento do todo da vida, mesmo porque, só tomados em conjunto, podem esses domínios atingir sua maior intensidade.

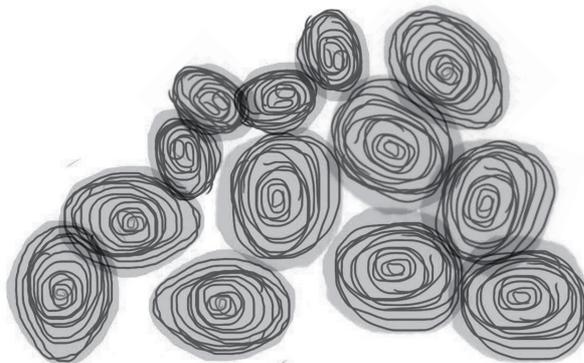
A modernidade é visada aqui justamente como uma época essencialmente trágica, com a divisão de trabalho, a autonomia da cultura objetiva, a imposição da lógica dos objetos sobre os sujeitos, com a especialização, fenômenos como a "arte pela arte", que abdicam de compreensão orgânica do ser humano e da vida. Parece haver, contudo, ao homem moderno, um último recurso, uma derradeira instância de apelação. Essa abertura é dada pela arte.

Como exposto anteriormente, é com a divisão de trabalho que o espírito objetivado se desliga duplamente de sua relação com o sujeito: (1) o objeto não mais representa a plasmação de uma unidade anímica, nem (2) cumpre sua finalidade

¹³ Simmel expõe as seguintes considerações em *L'art pour l'art*, texto de 1914, publicado em francês em *La tragédie de la culture*, 1988, pp. 247-55.

de retorno ao sujeito, na medida em que se torna independente e, mesmo quando ambicionado por algum sujeito para seu cultivo, incapaz de realizar o processo da cultura pelo próprio fato de não "corresponder" a um sujeito inteiro nele impresso. Ora, a obra de arte vem a ser a única instância, mesmo na modernidade, em que essa lógica dos objetos não se impôs, nem pode se impor. Essa significação subjetiva, que falta aos produtos da divisão do trabalho, que "somente o homem inteiro pode dar à obra total, e que sustenta sua [re] inserção na centralidade anímica de outros sujeitos" (Simmel, 2005a, p. 103), na modernidade, só a possui a obra de arte. Daí retira-se seu valor cultural incomensurável, pois que é imune à divisão de trabalho e, portanto, a criação conserva, interiormente, seu criador por inteiro.

Por fim, pode-se argumentar que embora através da obra de arte se possa efetivar o processo cultural, o espírito subjetivo não sabe, como Simmel o exprime (2005a), preservar sua forma de tentações dos objetos, que, pelo dito acima, são inatingíveis na quantidade almejada, de forma que a obra de arte não conseguiria ser mais que paliativo momentâneo limitado ao instante da fruição, conservando-se, assim, a estrutura fundamentalmente trágica da modernidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Simmel, Georg. (1913), Goethe. Leipzig, Verlag von Klinkhardt & Biermann.
Simmel, Georg. (1968), "Soziologische Aesthetik" in Georg Simmel (org.), Das Individuelle Gesetz: Philosophische Exkurse, Frankfurt, Suhrkamp.
Simmel, Georg. (1970), Problemas Fundamentais da Filosofia. Tradução Inah Oliveira do Amaral Aguiar. Coimbra, Atlântida Editora.
Simmel, Georg. (1988), La Tragédie de la Culture et Autres Essais. Tradução Sabine Cornille & Philippe Ivernel. Paris, Edition Rivages.
Simmel, Georg. (1997), The Philosophy of Money. Tradução David Frisby. 2ª edição, London & New York, Routledge.
Simmel, Georg. (2005a), "O conceito e a tragédia da cultura", in Souza, J. & Öelze, B. (orgs.), Simmel e a Modernidade. Tradução Jessé Souza et al. 2ª edição, Brasília, Editora da UNB.
Simmel, Georg. (2005b), "As Grandes Cidades e a Vida do Espírito". Mana, 11, 2: 577-591.
Waizbort, Leopoldo. (2006), As Aventuras de Georg Simmel. 2ª edição, São Paulo, Editora 34.

